



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA

MIRACI TEIXEIRA DA CRUZ

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO NA
ESCOLA SANTA RITA DO RIO PALMAS (PARANÃ-TO)

ARRAIS -TO

2021

MIRACI TEIXEIRA DA CRUZ

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO NA
ESCOLA SANTA RITA DO RIO PALMAS (PARANÃ-TO)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Educação do Campo: Artes Visuais e Música da
Universidade Federal do Tocantins/Campus Universitário
Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em
Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo.

ARRAIAS - TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C957p Cruz, Miraci Teixeira da .

Praticas de Letramento na Educação do Campo : um Estudo Realizado na Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma . / Miraci Teixeira da Cruz. – Arraias, TO, 2021.

41 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2021.

Orientador: Gilberto Paulino de Araujo

1. Educação do Campo. 2. Letramento . 3. Gêneros textuais . 4. Oficina de Letramento I Título . I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MIRACI TEIXEIRA DA CRUZ

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO NA
ESCOLA SANTA RITA DO RIO PALMAS (PARANÃ-TO)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Educação do Campo: Artes Visuais e Música da
Universidade Federal do Tocantins/Campus Universitário
Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em
Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo.

Defendida e aprovada em: 06 de agosto de 2021.

Banca examinadora formada pelos professores:



Professor Dr. Gilberto Paulino de Araújo – Presidente (Orientador)

Universidade Federal do Tocantins

Professora Dr^a. Roberta Rocha Ribeiro – Membro Efetivo

Universidade Federal de Goiás

Professor Me. Don Gomes Alves – Membro Efetivo

Universidade Federal do Tocantins

AGRADECIMENTOS

Diante de tudo isso que vivenciei até aqui, quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria, ajudar-me a ter força para continuar e não desistir dessa caminhada profissional e acadêmica.

Em seguida, aos meus pais, por eles serem o meu braço direito e por sempre me ajudarem nos cuidados com meus filhos. Ou seja, por terem confiado em mim e me ajudado em todos os momentos em que precisei.

Deixo também a minha eterna gratidão ao meu esposo que sempre me apoiou nesta caminhada acadêmica e por nunca se omitir de me ajudar nos momentos que precisei. Aos meus filhos, por entenderem os momentos que tive de me ausentar de sua companhia para estudar.

Quero agradecer também aos meus professores do ensino fundamental, médio e superior que fizeram parte do meu processo de aprendizagem e por me propiciarem o desejo de me tornar uma professora compromissada na busca pela transformação da minha comunidade por meio da educação.

Aos professores e professoras da Licenciatura em Educação do Campo pelos conhecimentos compartilhados.

Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos ao meu querido orientador Dr. Gilberto Paulino de Araújo, pessoa a qual levarei como um exemplo de sabedoria e paciência para com todos. Gratidão por ter me orientado e compreendido as minhas dificuldades e demoras, ajudando-me nesta produção.

Aos meus amigos pelas broncas e puxão de orelha para caminhar firme e seguir em frente. Muito aprendi com as experiências vividas e deixo aqui os meus sentimentos de gratidão a todos.

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprendem a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.

(Rubem Alves)

RESUMO

Esta monografia aborda as práticas de letramento na Educação do Campo, tendo como contexto de pesquisa uma escola que se localiza no povoado Bom Jesus da Palma, no município de Paranã - TO. O estudo tem por objetivo a reflexão sobre as práticas pedagógicas voltadas à produção escrita, verificando se as atividades mantêm relação com a perspectiva do letramento. A metodologia é de cunho qualitativo - além da interpretação dos dados coletados por meio da pesquisa de campo, também procurou contribuir com a escola por meio da realização de uma oficina com base na produção do gênero textual bilhete. A base teórica do estudo é a Educação do Campo (CALDART, 2009) e letramento (BARBATO, 2008) - entre outros autores. A pesquisa demonstrou a relevância da perspectiva do letramento para a produção textual como prática social, ou seja, o papel dos gêneros textuais nos mais variados contextos sociais e linguísticos.

Palavras-chave: Educação do Campo. Letramento. Gênero textual.

ABSTRACT

This monograph approaches literacy practices in Rural Education, having as a research context a school located in the village of Bom Jesus da Palma, in the municipality of Paranã - TO. The study aims to reflect on pedagogical practices aimed at written production, verifying whether the activities are related to the literacy perspective. The methodology is qualitative - in addition to interpreting the data collected through field research, it also contributes to the school by conducting a workshop based on the production of the textual genre ticket. The theoretical basis of the study is Rural Education (CALDART, 2009) and literacy (BARBATO, 2008) - among other authors. The research is associated with a perspective from the perspective of literacy for textual production as a social practice, that is, the role of textual genres in the most varied social and linguistic contexts.

Key words: Rural Education. Literacy. Textual genres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Localização de Paranã / Tocantins	15
Ilustração 2 – Redondo	16
Ilustração 3: Casa de pau a pique	17
Ilustração 4: Rua do Distrito Bom Jesus da Palma – TO	18
Ilustração 5: Antigo prédio da Escola Santa Rita do Rio Palma	19
Ilustração 6: Prédio atual da Escola Santa Rita do Rio Palma	20
Ilustração 7: Exposição de conteúdos - oficina	31
Ilustração 8: Atendimento aos estudantes durante a produção textual.....	32
Ilustração 9: Bilhete 1.....	33
Ilustração 10: Bilhete 2.....	33
Ilustração 11: Bilhete 3.....	33
Ilustração 12: Bilhete 4.....	34

SUMARIO

1INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Memorial	10
2METODOLOGIA	14
2.1 O contexto da pesquisa	15
2.2Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma	18
3 ASPECTOS CONCEITUAIS	21
3.1 Educação do Campo	21
3.2 Escrita na Perspectiva do Letramento.....	24
4 ANÁLISE DA PESQUISA	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE	41

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como finalidade conhecer as práticas de letramento na Educação do Campo, tendo como contexto de pesquisa a Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma, uma escola que se localiza no povoado Bom Jesus da Palma, no município de Paranã - TO. Esta comunidade do interior do estado atende filhos de trabalhadores, em sua maioria, sem emprego fixo e de baixa escolaridade ou analfabetos.

De modo específico, o interesse da presente pesquisa encontra-se na investigação das práticas de letramento aplicadas no contexto da referida escola e de que maneira estas podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos. O interesse pelo tema partiu de uma observação feita no momento de realização do estágio supervisionado II, momento este em que foi possível notar uma grande dificuldade de alguns alunos no desenvolvimento da aprendizagem no que diz respeito à leitura e quanto à escrita.

Ao pensar nas dificuldades de leitura e escrita dos alunos, surgiu também o questionamento de atividades ou ações que poderiam contribuir para a identificação e superação das dificuldades da aprendizagem referentes às práticas de letramento, conforme constatado durante o estágio supervisionado II. Diante disso, o contato com a temática dos letramentos nas disciplinas Produção de Gêneros Acadêmicos I e Produção de Gêneros Acadêmicos II permitiram a reflexão sobre o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita com o uso, identificação e produção de diferentes tipos de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, este estudo tem por objetivo a reflexão sobre as práticas pedagógicas voltadas à produção escrita, verificando se as atividades mantêm relação com a perspectiva do letramento.

A partir dessa perspectiva, seguem os objetivos específicos:

- a) fazer o levantamento das atividades de produção escrita desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa com a turma do 8º ano do ensino fundamental;
- b) verificar se as atividades mantêm relação com os letramentos e com os gêneros textuais; contribuir com a escola por meio da elaboração de atividades de forma diversificada com foco nos gêneros textuais (gênero textual bilhete) a partir dos estudos realizados durante a pesquisa sobre a produção escrita com base nos letramentos.

Desse modo, no primeiro capítulo, encontram-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, tendo como foco o detalhamento do contexto investigado (pesquisa de campo). Em

seguida, no capítulo 2, temos a apresentação dos elementos teóricos que embasam o estudo, sobretudo, a discussão sobre “educação do campo” e “letramento”. O último capítulo volta-se para a análise da investigação, com ênfase para a oficina de letramento realizada (produção do gênero textual bilhete).

1.1 Memorial

Desde muito cedo, aos meus cinco anos de idade, tive que iniciar minha caminhada em busca do conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem. Saí da fazenda Lajeado antiga Capim Puba, fazenda onde eu morava com meus pais, localizada na cidade de Paranã, para ir morar na cidade de Arraias com os meus padrinhos para estudar pela primeira vez. Isso ocorreu por meus pais não terem condições e por não morar na cidade. Assim, tiveram como opção entregar-me a eles para me criarem e colocar na escola.

Confesso que foi o momento mais difícil da minha vida, sair daquela fazenda, do conforto da minha humilde morada e principalmente sair do meu seio familiar para ir para uma cidade que eu não conhecia e morar com quem eu nunca havia convivido. Para mim foi muito doloroso, pois a tristeza de não ter opção era o que mais entristecia meu coração. Dos olhos dos meus pais ao me verem sair, caíam lágrimas e dos meus desciam também, e o meu peito se apertava já sentindo saudades, muito antes de ter saído.

Chegando na cidade me deparei com uma realidade muito diferente daquela que eu estava acostumada a vivenciar. Tive que trocar o costume do fogão a lenha para me adaptar com o fogão a gás, trocar o banho na grota para me adaptar com o banho no banheiro, para muitos parece fácil, mas para mim foi um pouco complicado. Tanto não foi tão fácil que, quando me mandaram apagar o fogo do fogão, eu imaginei que era apenas soprá-lo e assim apagaria o fogo. Assim eu fiz, porém eu estava errada, não era nada disso que eu imaginava, pois era apenas rodar um pequeno botão que eu nem sequer sabia para que servia.

Iniciei o meu processo de alfabetização na Escola Silva Dourado, localizada na cidade de Arraias. E ao ir pela primeira vez à escola para estudar, me senti muito insegura, pois quando pequena eu imaginava que, quando eu fosse para a escola, seria minha mãe que me levaria, mas infelizmente tive que ir só. Quando procurei uma mão para segurar, a dela não estava lá. Muitas das vezes chorei calada dentro da sala de aula com saudade da minha casa, da minha família. Mas, como sempre, têm uns anjos que Deus sempre coloca em nosso caminho. No 1º ano do ensino fundamental, tinha uma professora muito maravilhosa chamada professora Cecília. Ela sempre conversava comigo, dizendo para eu não chorar que logo chegariam as férias, mas eu tinha que fazer as tarefas direitinho para poder passar e sair de férias. O melhor de tudo é que no final eu sempre ganhava a sua atenção e nunca me sentia sozinha, pois ela estava ali comigo

e me acompanhou, sendo minha melhor professora, até o 3º ano do ensino fundamental. Depois tive outras professoras legais até terminar o fundamental, mas não como ela.

Depois de ter cursado o ensino fundamental na Escola Silva Dourado, passei para o colégio Joana Batista Cordeiro para cursar o ensino médio. Me deparei com uma realidade também muito diferente, pois os conteúdos eram mais puxados e os professores eram bastante exigentes com as atividades. Cobravam muito a organização e compromisso com a entrega das atividades em dias, pois se não fossem entregues na data pedida, ficaríamos sem visto e, com certeza, a nota no final do bimestre de correção dos cadernos não seria tão satisfatória.

Eu, como sempre, procurei fazer minhas tarefas e entregá-las em dias, até por que meu compromisso era apenas de estudar e tirar notas boas. Se isso não acontecesse, eu teria que prestar explicações aos meus padrinhos. Para falar a verdade, eu preferia tirar notas boas do que ter de explicar para eles, pois eram bastante exigentes e o castigo viria na certa. Nesse período, no primeiro ano do ensino médio, tive duas professoras muito importantes e que marcaram muito a minha vida. Uma era professora de português, que se chamava Elza, e a outra se chamava Francione, que tinha o apelido de Fran.

A professora Elza foi uma das minhas melhores professoras de português de uma unidade escolar de ensino médio e ensino fundamental que frequentei. Foi com ela que comecei a gostar tanto de escrever, me expressar, como também foi por meio dela que despertei o meu gosto pela poesia, pois escrever poema era a melhor forma que eu tinha de expressar os meus sentimentos escondidos, sentimentos de saudades, tristezas e outros mais. Sempre gostei de fazer as suas atividades, nunca deixava de entregar uma atividade, pois os seus vistos eram para mim o visto mais lindo que já vi.

A forma como ela conduzia a sala de aula fazia com que em mim despertasse uma vontade em querer aprender mais e isso era inexplicável. Sempre tive como sonho que, quando me tornasse uma professora, o meu visto seria igual ao dela. Ela continua sendo minha principal inspiração para escrever.

Outra pessoa de uma alegria espontânea que tenho com uma referência, que carrego para minha vida, é a professora Francione. Ela sempre me incentivou nos esportes. Aprendi a jogar e gostar bastante de futebol com ela. Por isso, nunca acharei palavras para descrever, apenas digo quanta saudade e que sempre a guardo nas minhas lembranças, pois ela fez parte dos meus melhores momentos como aluna de uma escola.

Com o passar do tempo, já com a idade de 16 anos, resolvi sair por conta própria da casa de meus padrinhos na cidade de Arraias para morar na cidade de Paranã. Nesse período, tinha passado para o 2º ano do ensino médio. Ao chegar na cidade de Paranã, me matriculei e

logo comecei a trabalhar, pois assim como optei para ser independente tive que também assumir a responsabilidade de trabalhar e custear as minhas despesas. Confesso que as dificuldades eram grandes, muitas das vezes cheguei a passar por situações difíceis e isso, às vezes, me desanimava.

Logo me casei e por um ano interrompi os meus estudos, pois estava grávida. Tive que trabalhar dobrado para dar conta de cuidar do meu primeiro filho. Nesse intervalo, não foi muito fácil retornar à escola com filho pequeno. Não foi brincadeira, mas o desejo de adquirir conhecimento falava mais alto e o sonho de me formar sempre batia forte em meu peito. Sentia que uma dia iria conseguir. Mas novamente tive que interromper os meus estudos, por circunstância da vida, acabei ficando viúva, perdi meu primeiro esposo aos 20 anos de idade, foi um baque para mim, pois me vi sem chão e sem direção por onde recomeçar. Teria que criar o meu filho sem pai. Meu filho tinha apenas 1 (um) ano de idade quando meu marido faleceu. Me desmoronava por dentro, mas não podia me entregar ao desânimo.

A partir daquele dia percebi que teria que me refazer e procurar um novo rumo para minha vida. Me mudei para a cidade de Brasília-DF, por lá recomecei a minha vida novamente, morando na Ceilândia Norte, cidade em torno de Brasília. Durante o período que morei em Brasília, não foi fácil, muitos obstáculos eu enfrentei, mas finalmente concluí os meus estudos com muita fé e dedicação, obtive meu diploma de ensino médio. Depois disso, voltei para a cidade de Paranã. Ao retornar, logo apareceu o anúncio que estava tendo as inscrições para o vestibular do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da UFT em Arraias.

Por incentivo de minha amiga Ângela Gomes, resolvi fazer minha inscrição e assim fiz. Para a minha surpresa, consegui passar no vestibular. Chorei muito de alegria, porque o meu sonho era cursar uma faculdade e as portas começaram a se abrir para um mundo novo, no qual eu iria ter a possibilidade de aprimorar meus conhecimentos.

A minha experiência na iniciação de uma vida acadêmica foi de início meio que receosa, me sentia um peixinho fora d'água. Apesar de querer tanto adentrar e estudar numa universidade, não conseguia me enxergar naquele ambiente de pessoas tão ricas de conhecimento. Em vários momentos, me senti um pouco perdida, pois tudo era novo, até o jeito de você se pronunciar era novo. Confesso que de início não foi muito fácil me adaptar, pois as escolas as quais frequentei não me propiciaram uma preparação para um ambiente acadêmico. Essa não preparação é que faz com que em diversos momentos passemos por dificuldades durante o processo de formação. Porém aos poucos fui interagindo, conhecendo pessoas novas, estudantes do mesmo curso. Conheci vários professores com uma inteligência admirável e que

terei não só como referência, como também citarei como motivo da minha não desistência, pois sempre me incentivaram a não desanimar. Professores esses que exigiam o melhor de nós, preparando futuros professores e, também, poderiam ser exemplos a seguir.

Com o passar do tempo, cada vez mais fui gostando deste universo e as experiências que obtive com o curso de Educação do Campo não tenho palavras para descrever. Coursar essa licenciatura fez com que me superasse dia após dia. Sem falar que os conteúdos trabalhados em cada disciplina do curso me permitiram adquirir uma bagagem de conhecimentos que me fizeram crescer não somente como acadêmica, mas também como ser humano.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo também me possibilitou desenvolver um leitura de mudo a qual jamais imaginaria ter. O trabalho com a prática e a teoria na UFT nos prepara para algumas situações que iremos encontrar na sala de aula e isso não tem preço. Aprender que a nossa formação está sempre em continuidade é um dos motivos que me faz acreditar cada vez mais que o conhecimento ele é libertador, que aprendemos um com outro e podemos alcançar os nossos objetivos sonhados, basta ter dedicação e acreditar que somos capazes.

2 METODOLOGIA

Para dar conta dos objetivos propostos acerca das práticas de letramento que são efetivadas no processo de ensino aprendizagem dentro do contexto pedagógico da educação escolar, Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma, buscou-se realizar um estudo de caráter qualitativo, iniciando pela pesquisa bibliográfica seguida do estudo realizado em campo - com aplicação de questionário - para assim se obter informações mais específicas referentes às práticas de letramento realizadas na referida escola.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 citado por SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 37).

Dessa forma, nota-se que a pesquisa bibliográfica possibilita o acesso ao conjunto sistematizado de estudos sobre determinado objeto de investigação ou temas das diferentes áreas do conhecimento, ou seja, permite o acesso a informações organizadas, denominadas dados secundários.

Diante disso, a abordagem deste estudo é de caráter qualitativo, tendo em vista as observações e anotações feitas durante a pesquisa de campo na escola em pauta e o contato direto com a comunidade escolar. Portanto, o presente estudo buscou compreender os processos dinâmicos vividos pelos grupos sociais, característicos da pesquisa qualitativa (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009). Nesse caso, o foco é a produção escrita vinculada aos letramentos.

Desse modo, foi adotada a técnica de coleta de dados em campo, tendo em vista a observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, de modo específico, no contexto da escola pesquisada. “Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2007, p. 123).

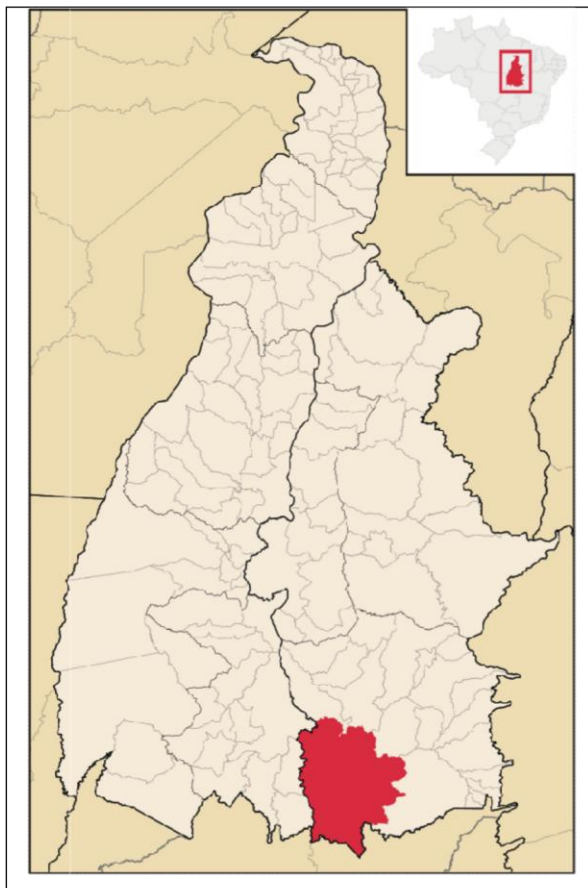
Conforme ressaltado, a pesquisadora teve uma comunicação, contato com o campo ou comunidade estudada, a Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma. A coleta de dados realizada em campo também compreende mais uma etapa da pesquisa qualitativa, juntamente com a

pesquisa bibliográfica. De acordo com Fonseca (2002), o levantamento de campo ocorre no contato direto com a realidade pesquisada.

2.1 O contexto da pesquisa

O povoado Bom Jesus da Palma, localizado na zona rural do município de Paranã TO, tem aproximadamente 2.000 habitantes. Encontra-se entre duas cidades: a cidade de Paranã com a distância de 40 km e a cidade de Arraias com aproximadamente 80 km de distância.

1: Localização de Paranã / Tocantins



Fonte: IBGE. disponível em: < www.cidades.ibge.gov.br >
acesso em de outubro de 2020.

Segundo relato dos primeiros moradores¹, a origem do povoado ocorreu no ano de 1956, sendo o primeiro morador o senhor Miguel Alves Porto, mais conhecido como “Miguelão”, que se mudou para o Distrito com toda a sua família em busca de melhorias. Com o passar do tempo, a comunidade começou a se desenvolver, recebendo novos moradores que, assim como o senhor Miguelão, vieram em busca de melhores condições de vida.

¹ O histórico do povoado/Distrito Bom Jesus da Palma, apresentado neste tópico da monografia, tem como base as vivências da autora (Miraci Teixeira da Cruz) e o seguinte material de apoio e pesquisa para fundamentação:

O processo de povoamento foi lento. Para chegar a ser chamado de Distrito do Bom Jesus da Palma, este recebeu diversos nomes, dentre eles Redondo. O nome em questão foi originado por causa de um bar que existia no local, onde muitas pessoas frequentavam para se divertir. Com o passar do tempo este estabelecimento foi usado como ponto de referência pelos moradores e, assim, nomeando o povoado.

Ilustração 2: Redondo



Fonte: Lima (2017).

A imagem acima é uma foto original do redondo, uma casa que foi construída pelo senhor Carlim Borreia também morador do local, feita de pau a pique, com cobertura de palha. Isso era o seu diferencial, chamava bastante atenção por possuir um formato redondo.

A sua demolição ocorreu aproximadamente há uns dez anos em virtude de já esta

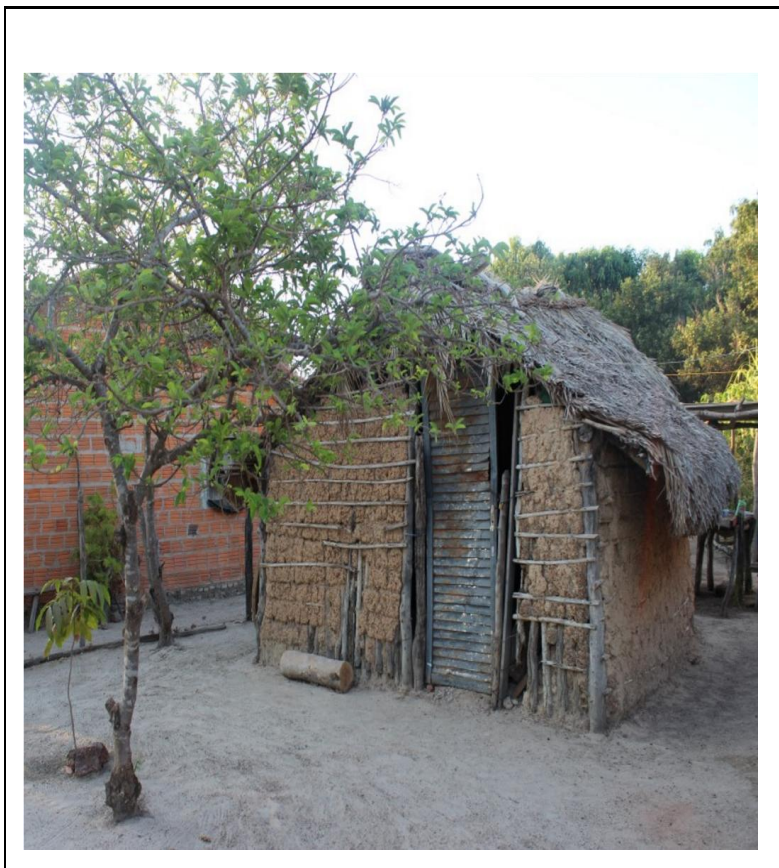
LIMA, Fernanda França de. Vidas e Memórias de Bom Jesus da Palma. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Tocantins, 2017.

desmoronando. Ainda hoje muitos usam a expressão “Redondo” para se referir ao Distrito Bom Jesus da Palma.

O nome Bom Jesus da Palma originou-se após a construção da capela, cujo nome dado partiu dos fiéis que eram devotos de São Bom Jesus da Lapa, com isso o Distrito passou a ser chamado de Bom Jesus da Palma.

No início do povoamento, as casas eram feitas de tabocas com revestimentos de barro e cobertura de palha. Como era de difícil o acesso de carros ao povoado, a construção feita de tijolos e telhas ou outros tipos de materiais de construção era algo muito raro na região.

Ilustração 3: Casa de pau a pique



Fonte: Lima (2017).

A imagem acima mostra que, apesar do passar dos anos, ainda existem no povoado algumas casas de pau a pique que foram construídas durante o período de surgimento do Distrito Bom Jesus da Palma.

No decorrer do tempo, os meios de transporte começaram a se ampliar na região, facilitando a vida e a permanência de muitos moradores. Atualmente, a maioria das casas é construída com tijolos, telhas, cimento, dando mais conforto para as famílias.

Ilustração 4: Rua do Distrito Bom Jesus da Palma - TO



Fonte: Lima (2017).

Embora tenham ocorridos mudanças significativas, ainda há muitas dificuldades a serem sanadas em relação à infraestrutura do povoado. Dentre elas, podemos citar as ruas que não são asfaltadas, não há rede telefônica e a internet é muito precária. Ainda assim, o Distrito permanece com a mesma tranquilidade de antes, como um lugar aconchegante de se viver.

2.2 Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma

A Unidade Escolar Estadual Santa Rita do Rio Palma, atualmente localizada no Distrito Bom Jesus da Palma, foi fundada no ano de 1986 na fazenda Santa Rita. A ideia de sua fundação partiu do senhor Alcides Pereira Guimarães, que residia com sua família a 20 quilômetros do Distrito.

O senhor Alcides na época se encontrava na fazenda e percebendo que seus filhos já estavam em idade de iniciar os estudos, sentiu a necessidade de possibilitar a alfabetização deles. Por não haver escola nas proximidades, foi em busca do representante da cidade de Paranã para que este construísse uma escola. O senhor Alcides não obteve muito sucesso, pois o prefeito ajudou apenas com a documentação para fundação da escola, já os materiais para a construção da unidade foi custeado por ele com a ajuda de sua família. Assim, o senhor Alcides, ali mesmo na fazenda onde morava, construiu a escola. O nome dado foi Santa Rita do Rio Palma, por localizar-se na fazenda Santa Rita e ficar nas proximidades da Beira do Rio Palma.

Após o término da escola, o senhor Alcides contou com o apoio da sua irmã Juracy Pereira Guimarães como professora para lecionar na unidade. Apesar de não possuir formação acadêmica, era escolarizada e passou a alfabetizar as crianças das fazendas vizinhas. Desse modo, surgiu a primeira escola da região.

Depois de alguns anos, a escola passou a funcionar na Fazenda Garça Branca, sendo então construída de alvenaria.

Ilustração 5: Antigo prédio da Escola Santa Rita do Rio Palma



Fonte: Lima (2017).

Devido dificuldades para manter a escola na região uma vez que, por motivos pessoais, a professora Juracy teve de ir embora, deixando assim seus alunos, a escola foi novamente transferida.

A localidade escolhida para a nova sede foi o Distrito Bom Jesus da Palma, com o intuito de atender um número maior de alunos, todavia exigindo o deslocamento dos alunos que moravam nas fazendas para o Distrito. Dessa vez a prefeitura foi responsável pela construção e pela contratação de novos professores.

Atualmente, a escola encontra-se com 4 (quatro) salas de aula, 1 (uma) sala da direção, 1 (uma) sala de professores e 1 (uma) cantina. Ainda em relação à estrutura física, a escola possui 1 (uma) biblioteca e não conta com laboratório, auditório nem quadra de esportes para as atividades de educação física.

Ilustração 6: Prédio atual da Escola Santa Rita do Rio Palma



Fonte: Lima (2017).

De acordo com dados da secretaria da Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma, coletados em maio de 2019, a unidade escolar tinha, no momento da coleta de dados, 176 alunos matriculados e contava com 8 (oito) professores, 1 (uma) diretora, 1 (uma) coordenadora pedagógica, 1 (uma) coordenadora de apoio, 1 (uma) auxiliar administrativo, 2 (dois) auxiliares de serviços gerais, 2 (duas) merendeiras, 6 (seis) guardas e 4 (quatro) monitoras do projeto Mais Educação.

Para a realização desta pesquisa, foi realizado um planejamento juntamente com a professora regente da turma. Por meio da autorização desta professora colaboradora da pesquisa, ficou estipulado que na segunda, terça e quarta-feira (de cada semana), com data de início em 10 de junho de 2019 até o término em 19 de junho 2019, ocorreria o processo de realização da pesquisa de campo com a turma do 8º ano do ensino fundamental.

A turma contava com 15 (quinze) alunos, com idade de 10 a 17 anos. A professora regente da turma é formada há quatro anos na área de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins/UFT. Ela trabalha na unidade escolar há quatro anos e meio, sendo um ano como coordenadora pedagógica. Vale destacar o compromisso e a dedicação pela docência, buscando desenvolver, da melhor maneira possível, um ensino de qualidade para seus alunos. Maiores detalhes sobre as ações desenvolvidas durante a pesquisa de campo são apresentados no capítulo referente à análise ou discussão dos dados.

3 ASPECTOS CONCEITUAIS

3.1 Educação do Campo

Para se entender a educação do campo, precisamos compreender que ela não é uma extensão nem a mesma coisa de educação rural mesmo que ambas sejam empregadas muitas vezes como sinônimos. A educação rural está relacionada ao ensino às populações rurais sem que se leve em conta os pressupostos teóricos fundamentam o histórico de luta dos movimentos sociais por melhores condições de vida aos povos do campo (não se restringindo apenas à educação formal).

Educação do campo não é Educação rural, com todas as implicações e desdobramentos disso em relação a paradigmas que não dizem respeito e nem se definem somente no âmbito da educação. A Educação do campo surgiu em um determinado momento e contexto histórico e não pode ser compreendida em si mesma, ou apenas desde o mundo da educação ou desde os parâmetros teóricos da pedagogia. Ela é um movimento real de combate ao ‘atual estado de coisas’: movimento prático, de objetivos ou fins práticos, de ferramentas práticas, que expressa e produz concepções teóricas, críticas a determinadas visões de educação, de política de educação, de projetos de campo e de país, mas que são interpretações da realidade construídas em vista de orientar ações/lutas concretas. (CALDART, 2009, p. 40).

O movimento por uma educação do campo luta por um ensino que não desconsidere a realidade ainda presente das salas multisseriadas em que os professores atendem alunos de séries e idades diferentes. Uma educação do campo não pode fechar os olhos para a dificuldade de deslocamento de muitos professores que muitas vezes passam a semana na própria escola por não ter condições de ir todos os dias para sua casa. Além disso, permanece a luta por uma formação adequada a estes profissionais, levando em consideração que o currículo das escolas do campo não pode ser uma mera reprodução das escolas urbanas.

De acordo com Caldart (2009, p. 42), “considerar a realidade do campo na construção de políticas públicas e de pedagogia significa considerar os sujeitos da educação e considerar a prática social que forma estes sujeitos como seres humanos e como sujeitos coletivos”.

Nesse sentido, a educação do campo é o resultado das proposições dos movimentos sociais ligados ao campo. Assim, quando se fala em educação do campo é inevitável não pensar em lutas sociais, nos trabalhadores como protagonistas e sujeitos das ações pedagógicas. Por esse motivo, o campo não é somente o contrário de urbano, mas um lugar de inúmeras possibilidades para seus moradores.

De acordo com Fernandes (2004, p. 67), “a educação do campo é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território”. Ou seja, a educação do campo leva em

consideração a identidade cultural dos sujeitos que tiram da terra seu sustento. Em razão disso, os educadores e os discentes na dinâmica da educação do campo são considerados sujeitos em construção. A esses educadores é incumbida a tarefa de se perguntar quem são os sujeitos com os quais compartilham as experiências de vida durante o ano letivo, tendo em vista que os educandos têm sua própria identidade, sua história da mesma forma como seu educador.

Diante disso, a escola não somente é um local de aprendizado acadêmico como também um espaço de formação social e política dos sujeitos, assim como carrega o papel de socialização de saberes acumulados, isto é, os conhecimentos produzidos pelos seres humanos ao longo dos tempos. Logo, para àqueles que vivem no campo, este é também um espaço de luta e resistência constante de seus direitos.

Os povos do campo demonstram que dominam saberes; trazem consigo a cultura de seus antepassados, impregnada em suas cantigas, danças e lendas em seu jeito de ser. Mas a incorporação de sua cultura nos currículos escolares se processa por aspectos que envolvem desde políticas públicas para educação como também, a aproximação do professor com o aluno e sua realidade, por meio de situações problematizadoras. (CARVALHO; SALES, 2016, p. 181).

Dentre as discussões voltadas para a educação do campo, um aspecto importante diz respeito a pensar políticas públicas que possibilitem a mudança desse quadro de precariedade das áreas rurais: estradas de chão; escolas com infraestrutura ruim e sem recursos materiais; falta de postos de saúde, de energia elétrica, internet, de sistema de esgoto, água encanada, coleta de lixo etc.

O desenvolvimento e fortalecimento das escolas do campo representam ainda um desafio para o processo de educação do Brasil. Nota-se que a discussão sobre essa temática é relevante, tendo em vista que a educação do campo tem se assinado como um espaço de luta devido ao quadro de precariedade, frutos do descaso ou pela ausência de políticas públicas para as populações que residem no campo (SANTOS, 2008 apud SANTOS; ARAUJO, 2016, p. 104).

Quando pensamos no conceito histórico da educação do campo no Brasil, nas últimas décadas do século XX e nas primeiras dos séculos XXI, percebemos um crescimento significativo em números de alunos matriculados nas escolas regulares, no entanto, mesmo essas escolas sendo intituladas escolas do campo, ainda notamos características de um ensino de escolas urbanas. Essas escolas devem se constituir como instrumento de mudanças sociais, obtendo índices positivos, inclusive, em áreas de difícil acesso, como, por exemplo, áreas rurais, comunidades indígenas e quilombolas. Um dos principais objetivos da educação do campo é formar cidadãos que possam ser agentes transformadores em suas comunidades.

Nesse prisma, temos que pensar políticas públicas exclusivas para as escolas do campo. Uma delas é pensar a concepção de que o currículo das escolas não deve ser igual aos da cidade, pois devem atender as necessidades dos alunos: não interferir no tempo e afazeres do campo. Nesse caso não estamos afirmando que deve ser excluída a base do currículo nacional, mas que esse conhecimento seja articulados com os saberes dos povos do campo. (DIAS; SOARES, 2016, p. 239).

Fernandes (2004) assinala que a educação do campo surgiu com as demandas dos movimentos sociais camponeses na construção de políticas de educação para as áreas da reforma agrária. De acordo com o autor, a educação na reforma agrária é compreendida como parte da educação do campo. Assim a educação do campo é um processo em construção que integra em sua base política pensar a educação como peça principal para o desenvolvimento do campo.

A educação campo veio em meio a lutas, desafios, avanços e retrocessos; assim, para podermos entender essa trajetória de lutas, movimentos e conquistas, é necessário aprofundarmos nos estudos que tratam da educação do campo. Visto que a educação do campo necessita ser vinculada ao sujeito do campo e sua luta, a metodologia tem que estar voltada ao meio em que o sujeito está inserido, ou seja, desenvolver uma metodologia capaz de repensar a identidade do sujeito do campo. (DIAS; SOARES, 2016, p. 238).

O movimento por uma educação do campo evidencia que alguns direitos já foram conquistados, mas é necessário ainda permanecer na luta e não esquecer a origem dessa articulação em nível nacional.

A luta pela educação do sujeito que vive no e do campo inicia-se na década de 1980, mas o início de uma tentativa de “articulação” por um projeto de educação do campo, que derivaria em um “Movimento por uma Educação do Campo”, deu-se no âmbito da CNEC – Conferência Nacional de Educação do Campo, organizada pelo MST, em conjunto com a UNB, CNBB e UNICEF, em Brasília, no mês de julho de 1997, momento em que foi criado o Programa de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. (BEZERRA NETO; BEZERRA, 2011, p. 100).

Mesmo que seja um direito conquistado no papel ainda é preciso lembrar aos responsáveis pelas políticas educacionais a necessidade de seu cumprimento. Além disso, continuar a despertar a conscientização dos moradores do campo de que estes precisam buscar melhorias na educação e em outros aspectos econômicos e sociais das comunidades.

Nos últimos anos, o movimento Nacional da Educação do Campo tem conquistado espaço na agenda governamental, viabilizando coletivamente políticas públicas não subordinadas as determinações do mercado, mas aos interesses da classe trabalhadora, na perspectiva de sua emancipação e

considerando a diversidade e especificidades dos povos do campo. Uma educação vinculada aos interesses da classe trabalhadora e na perspectiva da emancipação humana. (MENEZES; SOARES, 2016, p. 221).

Outro importante elemento da educação do campo são os conhecimentos que estão presentes não somente no currículo escolar, ou seja, os saberes construídos dentro de cada comunidade. Estes integram o meio onde a escola está inserida, fazem parte da história e da realidade das comunidades do campo.

Os povos do campo demonstram que dominam saberes; trazem consigo a cultura de seus antepassados, impregnada em suas cantigas, danças e lendas em seu jeito de ser. Mas a incorporação de sua cultura nos currículos escolares se processa por aspectos que envolvem desde políticas públicas para educação como também a aproximação do professor com o aluno e sua realidade, por meio de situações problematizadoras. (CARVALHO; SALES, 2016, p. 181).

Desse modo, o professor deve se aprofundar na realidade e história locais da qual também faz parte, valorizando a cultura e os saberes dos povos do campo de modo que os discentes também sejam autores da sua própria história, contribuindo, assim, para a integração do conhecimento formal ou escolar com os saberes que compõem sua própria vida.

3.2 Escrita na perspectiva do Letramento

Comunicar-se verbalmente é um domínio da ação humana. A leitura e a escrita exercem um papel fundamental no universo da comunicação, estando presentes em nossas práticas sociais nos diversos contextos linguísticos.

Em relação à oralidade, percebemos que a língua falada varia de acordo com a localidade na qual o indivíduo se encontra. Um exemplo disso é que no Brasil existe uma variação linguística com marcas específicas de região para região.

Quando cada indivíduo fala ou se expressa oralmente, faz uso de diversos caracteres, quer na pronúncia (sotaque), quer na preferência lexical ou no fato formal /informal. A língua, assim como a sociedade, não é homogênea. Esta, mesma de uso cotidiano pelo grupo social onde o sujeito está inserido, não é uniforme em nenhum de seus usos, fazendo emergir, no contexto dos estudos, a sociolinguística, que estuda a descrição de fenômenos das mudanças linguísticas na sociedade e suas influências. (GOMES; FOLHA, 2017, p. 115).

A discussão proposta neste trabalho volta-se para a prática pedagógica do professor em sala de aula, tendo como foco a produção escrita dos estudantes. Nesse sentido, seguem alguns elementos teóricos que nos remetem ao processo de desenvolvimento da escrita

Como ressalta Barbato (2008), com a manifestação da escrita durante a antiguidade, as pessoas passaram a registrar suas memórias, mas não somente, a aquisição da escrita propiciou guardar dados das colheitas de grãos que eram armazenados nos celeiros e diversos outros propósitos, como marcar datas importantes, descrever acontecimentos e muitos outros registros constituintes da vida das pessoas.

De acordo com a autora, desde o aparecimento a humanidade se desenvolveu, com transformações na sociedade de forma geral, nas culturas, no modo de lidar com o conhecimento etc. A escrita também ampliou e até propiciou mudanças na memória, tendo em vista o registro escrito dos costumes e tradições para as futuras gerações: poesias, contos, relatos etc.

A memória foi modificada porque, com o advento da escrita, passou a ser utilizada de outras formas, diferentes das conhecidas até então: ampliamos nossos potenciais de criar e imaginar novos mundos e refletir sobre tudo o que está na natureza e a nossa disposição como obras culturais. Com a escrita, passamos a ter uma ferramenta que possibilita que registremos os acontecimentos, os eventos, o que não gostaríamos de esquecer, nossos compromissos, anotações de todos os tipos e os guardemos para serem lidos e modificados, posteriormente, por nós ou pelos outros (BARBATO, 2008, p. 13).

Com as sociedades se organizando de maneira cada vez mais complexas, o domínio da escrita tornou-se indispensável. Em diferentes contextos sociais, a escrita pode ser vista como sinônimo de poder. Isso quer dizer que na maior parte dos grupos sociais, as pessoas são consideradas detentoras de conhecimento quando sabem ler e escrever, enquanto outras tendem a ser “desqualificadas” pelo fato de não serem alfabetizadas. Ressaltamos que a cultura oral deve ser respeitada e valorizada, mas no mundo moderno é fundamental o domínio do código escrito.

Desse modo, faz-se necessário que o acesso à alfabetização ocorra de maneira democrática, para que todos sejam capazes de ler e escrever. Lembramos que ainda há em nosso país pessoas que não são escolarizadas por diversos fatores, principalmente, devido à falta de condições econômicas, ocasionadas pela desigualdade social. Todavia, a leitura e escrita vão muito além do que aprendemos em sala de aula, pois estas compõem um conjunto de várias experiências pelas quais o indivíduo passa.

Aprendemos a ler e escrever à medida que nos alfabetizamos ao longo da vida e adquirimos experiência nas diversas situações sociocomunicativas. Além de nos desenvolvermos pessoalmente com nossas experiências e aprendizados, os diferentes ambiente letrados se desenvolvem historicamente. As situações comunicativas se tornam mais complexas, fazendo que outras necessidades

surjam com convenções renovadas sobre as funções e as expressões da escrita (alfabética, ortográfica, de apresentação gráfica dos textos, suportes preferidos para as diferentes situações comunicativas, de construção do discurso nos diferentes gêneros, etc.) (BARBATO, 2008, p. 30).

Além da alfabetização, há outro importante conceito que surgiu na década de 1980 como resultado dos estudos de linguistas e de outros pesquisadores cientes da importância da leitura e da escrita nos diferentes níveis e usos sociais: o letramento.

Quando trabalhamos a leitura e escrita a partir de uma perspectiva do letramento, temos em vista um processo de ensino-aprendizado que busca as questões culturais, as situações sociocomunicativas variadas e a necessidade de interação entre o conhecimento trazido por cada aluno (conhecimento prévio) e o conhecimento novo apresentado na escola e em outros lugares em que aprendemos a ler o mundo. Os processos de leitura e escrita se desenvolvem e resultam dessa interação. Atualmente valorizamos muito o aprendizado da leitura e da escrita como experiência letrada. (BARBATO, 2008, p. 14).

Para a autora, as práticas sociais evidenciam as necessidades e formas de organização de diferentes culturas, sendo que tais elementos estão interligados às funções e aos usos da leitura e da escrita. Uma forma de entendermos essa relação é refletir sobre como se desenvolvem as práticas letradas na escola e os seus usos no nosso cotidiano, ou seja, no trabalho, no lazer, na religião, nas festas, etc.

Quando tratamos da escrita a partir da perspectiva do letramento, temos que considerar o papel / a função que exerce na comunidade. As formas em que se apresenta em nossa cidade, os gêneros textuais que são preferidos pela comunidade (exemplo: cordel, reportagens, etc.) e como podemos fazer da cultura local, das tradições, ferramentas para serem utilizadas como bases para a construção de conhecimento escrito, isto é, para a construção de diferentes experiências escritas de situações sociocomunicativas diversas em sala de aula. Quando escrevemos, o fazemos para comunicar nosso modo de pensar sobre um certo assunto (tema) para alguém (interlocutor, audiência) e utilizamos diferentes gêneros textuais para melhor significarmos o que desejamos (contos, diálogos, reportagens, etc.). Assim, trocamos experiências uns com os outros (BARBATO, 2008, p. 39).

Dessa maneira, outro importante elemento a ser considerado e que compõe a fundamentação dessa monografia diz respeito aos gêneros textuais. Veremos no capítulo referente à análise, que os gêneros textuais relacionados com as atividades escolares tornam-se um terreno produtivo, de modo a considerar os saberes prévios dos estudantes, a fim de que estes possam transitar de maneira mais segura nos mais variados espaços.

Isso quer dizer que “o conhecimento é transmitido nos contextos sociais pelas interações e relações que estabelecemos com as pessoas que nos cercam e essas interações, muitas vezes,

definem como vamos aprender, que instrumentos utilizaremos para alcançar nossos objetivos” (BARBATO, 2008, p. 20).

Partindo disso, podemos observar que os gêneros textuais são resultado das práticas sociais que envolvem a leitura e escrita, sendo estes presentes não somente nos contextos escolares, uma vez que circulam nas situações concretas de uso no processo comunicativo.

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2005 p.1).

É possível, então, afirmar que a comunicação humana ocorre através de gêneros textuais, sendo estes ocasionados pelas vivências e necessidades dos grupos sociais. Assim, os gêneros textuais aconteçam tanto na oralidade quanto na escrita. De acordo com Silva (2011), a perspectiva adotada pelo letramento leva em conta o domínio e o uso dos gêneros textuais, pois assim os textos são considerados como elementos que fazem parte de uma realidade social, não se limitando aos usos formais restritos ao ambiente escolar.

Desse modo, compreendemos que a alfabetização faz parte do processo de letramento, e este se revela mais amplo por considerar os saberes relevantes para a vida em sociedade, ou seja, o sujeito torna-se usuário da leitura e da escrita de modo desenvolver uma leitura cada vez mais crítica.

É que, diante dos precários resultados que vêm sendo obtidos, entre nós, na aprendizagem inicial da língua escrita, com sérios reflexos ao longo de todo o ensino fundamental, parece ser necessário rever os quadros referenciais e os processos de ensino que têm predominado em nossas salas de aula, e talvez reconhecer a possibilidade e mesmo a necessidade de estabelecer a distinção entre o que mais propriamente se denomina letramento, de que são muitas as facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito – e o que é propriamente a alfabetização, de que também são muitas as facetas – consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. (SOARES, 2004, p. 15).

Portanto, a inclusão da perspectiva dos letramentos e o uso dos gêneros textuais, sobretudo nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, exigem do docente a definição de objetivos e de estratégias de ensino e aprendizagem que levem em consideração os saberes locais em interação com a busca pela ampliação e domínio dos conhecimentos escolares. Em

outras palavras, é preciso haver essa valorização da prática vivenciada pelos educandos sem deixar de lado os conteúdos ensinados na escola.

4 ANÁLISE DA PESQUISA

No decorrer da realização desta pesquisa, foi realizado um planejamento em conjunto com a professora regente da turma (conforme descrito na metodologia), sendo as atividades organizadas em forma de oficina pedagógica, tendo como base o estudo do gênero textual bilhete. Adiante, temos o detalhamento das etapas desenvolvidas.

A pesquisa de campo foi realizada em quatro encontros com os alunos 8º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma, localizada no Distrito Bom Jesus da Palma no município de Paranã- TO. A oficina teve como temática “Praticando a leitura e escrita com o uso do gênero textual bilhete”.

As atividades iniciaram no dia 10 de junho de 2019. Neste dia, foi realizada a observação das aulas de português, onde podemos conhecer melhor os alunos e com isso dar início à proposta de atividade, mantendo o diálogo com a professora regente da turma. Podemos destacar como ponto positivo dessa etapa a observação dos conteúdos que estavam sendo trabalhados pela docente. A observação aconteceu durante a semana de revisão de prova. Na ocasião, foram abordados os conteúdos de interpretação de texto, predicado verbal, predicado nominal, adjunto adnominal e complemento nominal. Tudo isso facilitou o processo para o desenvolvimento da oficina.

Foi possível perceber o respeito da docente pela linguagem falada dos estudantes, mas sem deixar de lado o trabalho com a gramática normativa e a escrita. Cada uma dessas partes possui sua importância e devem ser trabalhadas em sala de aula para possibilitar aos alunos o domínio de regras importantes aplicadas na construção de frases/orações seja nos contextos informais ou formais de uso linguístico, como é o caso dos predicados verbal e nominal, adjunto adnominal e complemento nominal. Nesse caso, a ênfase foi ressaltar que os predicados contêm necessariamente um verbo, mas seu núcleo pode ser um verbo, um nome, ou pode ser formado por um verbo e um nome.

Segundo a professora regente, “o predicado verbal é um tipo de predicado que tem como núcleo um verbo ou uma locução verbal que transmite a ideia de ação”. Como exemplo, podemos citar: Meu amigo viajou. Temos também o predicado nominal que é aquele que tem como núcleo um nome (substantivo, adjetivo, locução adjetiva). É uma categoria de predicado formado por um verbo chamado de ligação (que indica estado) e o predicativo do sujeito para sua complementação. Segue o exemplo retirado de Bechara (2009, p. 353): Meu amigo é inteligente.

Por fim, a aula da docente nesse primeiro dia de observação em campo esteve centrada nos conteúdos da gramática normativa, mantendo uma preocupação com os aspectos formais ou regras gramaticais da Língua Portuguesa.

No segundo dia da atividade, em 11 de junho de 2019, teve início a oficina. Com a utilização do projetor (data show), foram apresentados alguns exemplos e o conceito de gênero textual – com uma linguagem adequada à idade e à série/ano dos alunos. Do ponto de vista conceitual, o trabalho com os gêneros textuais são fundamentais para o letramento, ou seja, a perspectiva do texto como prática social.

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2003, p.1).

São inúmeros os gêneros textuais e todos têm como finalidade o desempenho da interação entre os interlocutores, levando em consideração os contextos sociais e linguísticos em que se inserem.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, p. 4).

Desse modo, os gêneros textuais são constituídos por esferas de textos orais e escritos, com características próprias, isto é, cada texto contém sua própria linguagem e forma de estruturação.

Com a presença da professora de português, houve a continuidade da oficina, tendo como foco o gênero textual bilhete. No projetor foram apresentados alguns exemplos de bilhetes.

Ilustração 7: Exposição de conteúdos - oficina



Fonte da pesquisadora (2019).

Sobre o gênero textual bilhete, temos a seguinte definição apresentada por Diana (2012, p. 01):

O Bilhete é um tipo de texto cotidiano muito frequente empregado em contextos informais e escrito entre pessoas que possuam um grau de afetividade. Em resumo, são textos comunicativos que contém mensagens simples os quais são escritos em pequenos papéis e enviados para a amiga de escola, irmão, mãe, dentre outros.

Embora o gênero textual bilhete seja pouco utilizado em nosso dia a dia devido ao uso de novas tecnologias, este ainda se encontra presente nas práticas sociais. É importante para o trabalho de produção textual no contexto escolar no ensino fundamental por ter uma estrutura simples e apresentar uma linguagem de situações informais, sendo compartilhado por sujeitos que possuem proximidades afetivas.

Nas áreas rurais com acesso precário ou até mesmo ausência de energia elétrica e internet, o bilhete demonstra ainda maior relevância, pois além de ser um gênero textual produzido no ambiente familiar pelos alunos, também é um meio de comunicação entre a escola e a comunidade. Assim, o bilhete pode ser escrito em uma linguagem informal/coloquial ou assumir uma linguagem mais formal de acordo com o contexto de uso.

Os autores citados acima embasaram a abordagem teórica e o desenvolvimento da oficina, tendo em vista a busca em responder às indagações dos estudantes e propiciar a ampliação dos conhecimentos ou sistematização dos saberes prévios dos alunos sobre o conteúdo.

Em continuidade, no terceiro dia da oficina, 13 de junho de 2019, demos início à confecção dos bilhetes. Propomos aos alunos que escolhessem um colega, não necessariamente

da sala, e fizessem um bilhete direcionado a ele. Segue a baixo o registro da produção textual e atendimento da pesquisadora aos alunos.

Ilustração 8: Atendimento aos estudantes durante a produção textual

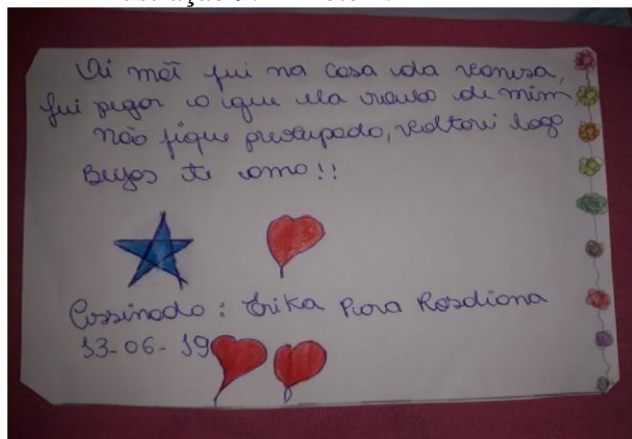


Fonte da pesquisadora(2019).

No último dia, 14 de junho de 2019, houve a troca dos bilhetes para leitura e compartilhamento da produção textual. Nesse momento, foi notória a interação de todos e o entusiasmo na participação da oficina. Essa dinâmica ocorreu por meio de uma roda de conversa na qual cada aluno expôs seu bilhete, dizendo para quem escreveu e o que achou da aula.

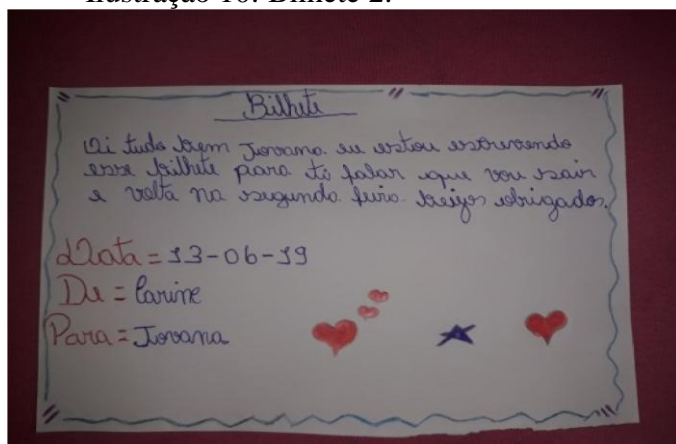
Segue abaixo o registro de alguns bilhetes confeccionados pelos alunos:

Ilustração 9: Bilhete 1.



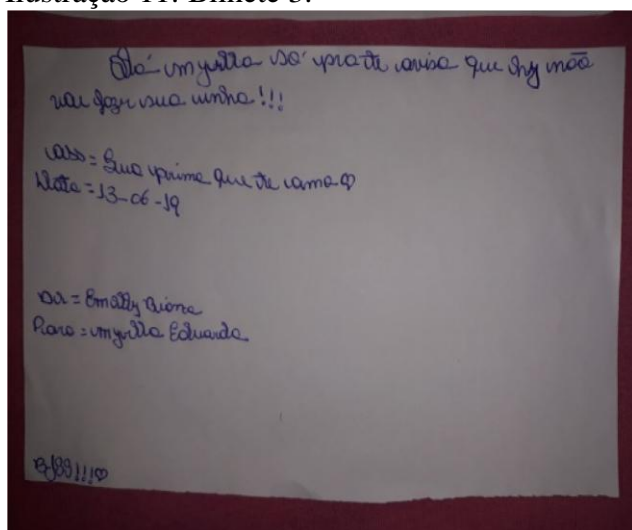
Fonte da pesquisadora(2019) .

Ilustração 10: Bilhete 2.



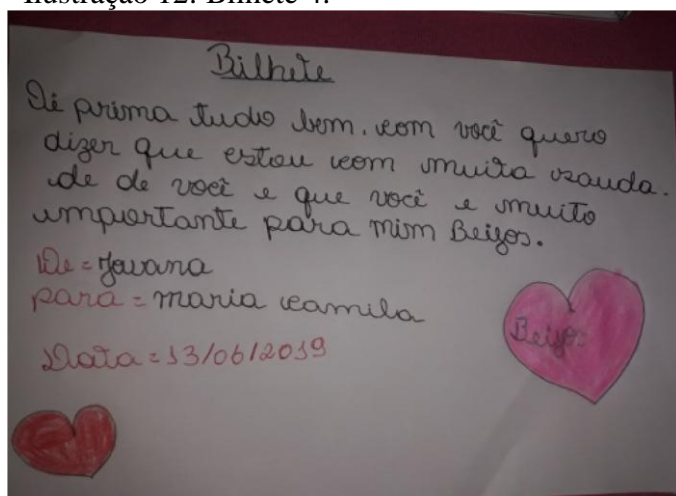
Fonte da pesquisadora(2019).

Ilustração 11: Bilhete 3.



Fonte da pesquisadora(2019).

Ilustração 12: Bilhete 4.



Fonte da pesquisadora(2019).

No que diz respeito ao trabalho na perspectiva dos letramentos, tendo em vista o contexto da escola/turma pesquisada, a professora regente destacou que além do trabalho com conteúdos da gramática normativa, esta também abordaria, ao longo do ano letivo, outros gêneros textuais, tendo como base a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo, inclusive no contexto escolar, no qual se amplia o número de professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares [...]. No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências. (BRASIL, 2017, p. 136).

Outro documento citado pela professora regente para subsidiar sua prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa, foi o Documento Curricular do Tocantins (DCT) para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, que também faz menção ao trabalho com os gêneros textuais:

O componente curricular Língua Portuguesa possibilita aos estudantes experiências que possam contribuir para a ampliação dos letramentos, ou seja, para o desenvolvimento de habilidades que promovam ao sujeito ler e escrever nas situações pessoais, sociais e escolares em que é levado a produzir gêneros, em contextos com objetivos e interlocutores diversos (SOARES, 1995), de forma a favorecer a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais. (TOCANTINS, 2019, p. 18-19).

O Documento Curricular do Tocantins (DCT) é resultado da colaboração dos 139 (cento e trinta e nove) municípios do estado, sendo este aprovado e homologado pelo Conselho

Estadual de Educação, por meio da Resolução nº 24, de 14 de março de 2019, conforme consta no Guia de Implementação do próprio documento.

De acordo com a professora regente, foi trabalhado com a turma, no início do mês de junho do ano de 2019, o gênero textual “crônica”. Nas palavras da docente, a prática pedagógica levou em consideração o contexto de produção desse gênero textual. Assim, para o andamento das aulas, foram utilizados revistas e jornais de outras localidades com exemplos de crônicas compartilhados e lidos pelos alunos.

Observamos a preocupação da docente em trabalhar de maneira concreta as características e a finalidade do gênero textual definido para estudo. A professora também enfatizou que até o final do ano seriam estudados mais dois gêneros textuais, o romance e a propaganda, ambos seguindo o mesmo procedimento dos anteriores, ou seja, trabalhados de acordo com as situações de circulação e uso desses textos.

Embora o período de acompanhamento tenha se limitado ao tempo definido para observação e realização da oficina (cerca de uma semana, conforme descrito anteriormente), foi possível verificar a preocupação e o cuidado da docente em abordar os conteúdos sob uma perspectiva dos letramentos, ou seja, o texto como prática social. Outro aspecto foi a busca por colaborar com a escola localizada no campo, por meio do desenvolvimento da oficina de produção textual. Esse momento foi muito significativo para a reflexão por parte da pesquisadora a respeito dos conceitos e teorias que fazem parte deste estudo e também da formação ao longo da graduação em Licenciatura em Educação do Campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou a reflexão a respeito do porquê se faz necessário adotar a perspectiva teórica e prática do letramento nas aulas de Língua Portuguesa, tendo em vista o contexto da Educação do Campo. Como vimos, a alfabetização e o letramento estão inter-relacionados e ambos são necessários para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

A preocupação maior da pesquisa, em si, não foi a definição do termo letramento, mas como sua abordagem é fundamental para a produção textual como uma prática social. Isso quer dizer, é necessário que alunos e professores compreendam que os gêneros textuais são responsáveis por nossa interação nos mais variados contextos sociais.

Enfatizamos a relevância da realização da oficina de produção textual como elemento de colaboração da pesquisadora e de maior interação no ambiente de estudo, sobretudo a experiência de compartilhar os conhecimentos construídos ao longo da realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Dessa maneira, todo o processo de execução da oficina “praticando a leitura e escrita com o uso do gênero textual bilhete” foi uma experiência bastante satisfatória, propiciando a reflexão de que o processo de ensino e aprendizagem precisa ser entendido e trabalhado de forma lúdica e por meio de experiências que se aproximem da vivência dos alunos.

A exemplo disso, no momento de socialização, os alunos demonstraram o interesse de compartilhar e ler os seus textos, despertaram o interesse pelo conteúdo e se aproximaram mais da professora. Tudo isso é fundamental para se perceber se realmente os alunos compreenderam o conteúdo proposto ou os conceitos abordados.

Esperamos, de alguma maneira, ter colaborado ou despertado para a realização de outras pesquisas que tenham como foco as práticas de letramento nas escolas públicas, sobretudo, da Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. Leitura, escrita e cultura. In: _____. (Org.). Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 4 - TP4: leitura e processos de escrita I. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. p. 13-68.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova. Fronteira, 2009.

BEZERRA NETO, Luiz; BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. Educação do campo: referenciais teóricos em discussão. Revista Exitus, v. 1 n. 1 (2011). p. 93-104. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/209>. Acesso em: 12/05/2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 12/05/2021.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18/10/2020.

CARVALHO, Maristela Francisco de; SALES, Suze da Silva. Implantação da Comunidade Integradora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no Município de Paranã – TO: conquistas, possibilidades e desafios dos alunos remanescentes de quilombos no acesso e permanência à Universidade. In: MOURA, Sílvia Adriane Tavares de; SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman. (Orgs.). Educação do Campo e Pesquisa: políticas, práticas e saberes em questão. Goiânia: Kelps, 2016. p. 173-195.

DIANA, Daniela BIASON Gomes. Gênero textual bilhete. Site Toda Matéria. 2012. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-bilhete/>. Acesso em: 08/04/2019.

DIAS, Nilda Damascena; SOARES, Sebastião Silva. Livro Didático e Educação do Campo: uma análise sobre as concepções de Educação do Campo nos livros didáticos da Coleção Girassol. In: MOURA, Sílvia Adriane Tavares de; SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman. (Orgs.). Educação do Campo e Pesquisa: políticas, práticas e saberes em questão. Goiânia: Kelps, 2016. p. 238-259.

FERNANDES, Bernardo Mançano. (2004). Diretrizes de uma caminhada. In Arroyo, M. G., Caldart, R. S. & Molina, M. C. (Orgs.). Por uma Educação do Campo. Petrópolis: Vozes.

Disponível em:

<http://www.forumeja.org.br/ec/files/Vol%204%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%20do%20Campo.pdf>. Acesso em: 11/03/2021.p. 61-70.

FONSECA, João José Saraiva. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC. 2002. [Apostila.]. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20121/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 20/06/2020.

GOMES, Nádia Francisca Rodrigues; FOLHA, Wesly Guerra. PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS. In: TARGINO, Maria das Graças; SILVA, Evana Mairy Pereira de Araújo; SANTOS, Maria Fátima Paula dos. (Orgs.) Alfabetização e letramento: múltiplas perspectivas. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174662/2/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20letramento%2010%20jul.%202017.pdf>. Acesso em: 11/03/2021. p. 115-130.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf. Acesso em: 20/06/2020.

MENEZES, Lilia Reijane Ribeiro dos Santos; SOARES, Sebastião Silva. Trajetória formativa e prática pedagógica: narrativas de professores no contexto da Escola do Campo – TO. In: MOURA, Sílvia Adriane Tavares de; SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman. (Orgs.). Educação do Campo e Pesquisa: políticas, práticas e saberes em questão. Goiânia: Kelps, 2016. p. 218-237.

SANTOS, Ana Carla dos. A importância da formação de professores para efetivação da Lei 10.639/2003 na Escola Municipal Agnelo de Brito. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Educação, Campus I. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Claudirene da Costa; ARAÚJO, Gilberto Paulino de. Caminhos e desafios da prática pedagógica dos educadores do campo: um olhar para as escolas do município de Arraias – TO. In: MOURA, Sílvia Adriane Tavares de; SALES, Suze da Silva; KHIDIR, Kaled Sulaiman. (Orgs.). Educação do Campo e Pesquisa: políticas, práticas e saberes em questão. Goiânia: Kelps, 2016. p. 104-129.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf. Acesso em: 10/04/2020.

SILVEIRA, Denise Tolfo.; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana.Engel.; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-42, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 08/04/2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação, Jan /Fev /Mar /Abr 2004 n. 25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12/05/2021.

TOCANTINS. Resolução nº 024, de 14 de março de 2019. Aprova o documento curricular da educação infantil e do ensino fundamental, para o Território do Tocantins. Palmas, TO, 2019. Disponível em: <https://www.to.gov.br/seduc/documento-curricular-do-tocantins-educacaoinfantil-e-ensino-fundamental/3pxz92xtgb1p>. Acesso em: 12/05/2021.

APÊNDICE: Plano de aula da oficina – produção do gênero textual bilhete

Instituição de Ensino: Escola Estadual Santa Rita do Rio Palma		
Cidade/ Comunidade integradora: Paranã -TO		
Acadêmica: Miraci Teixeira da Cruz		
Duração da atividade: A oficina será realizada em 04 encontros (cerca de 6 h/a)		
[x] Ensino Fundamental	[] Ensino Médio	Série:
8º ano		

Objetivo Geral: Propiciar aos alunos o conhecimento de que os gêneros textuais estão presentes no nosso cotidiano nas mais variadas formas e situações de comunicação.		
Objetivos específicos:		
a) Conhecer diferentes tipos de gêneros textuais;		
b) Desenvolver o interesse dos alunos pela leitura e a escrita;		
c) Possibilitar a aprendizagem do gênero textual bilhete;		
d) Destacar a relevância do letramento.		

Conteúdo

Gênero textual bilhete.		

Metodologia

Aula 1: Observação da turma, interação com a professora regente e os alunos. Aula 2: expositiva e dialogada com uma breve introdução do conceito de letramento, definição de gêneros textuais e “o que é o gênero textual bilhete”.		
Aula 3: Construção de bilhetes, em sala de aula, realizada pelos alunos.		
Aula 4: Apresentação e leitura individual dos bilhetes em sala. Logo após realizar uma breve socialização do que compreenderam acerca do conteúdo trabalhado.		

Recursos

<input type="checkbox"/> Projetor multimídia, quadro, giz, apagador, papel, lápis, lápis de cor caneta etc.		

Avaliação

--	--	--

A avaliação será feita individualmente a partir da participação e colaboração de cada aluno.

Referência (links pesquisados)

Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/portuguesafinal-o-que-e-letramento.htm>>. Acesso 10/04/2019.

Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/genero-textual-bilhete/>>. Acesso em 10/04/2019.